

# **A INVENÇÃO DA INFÂNCIA GENERIFICADA: A PEDAGOGIA DA MÍDIA IMPRESSA CONSTITUINDO AS IDENTIDADES DE GÊNERO**

SANTOS, Cláudia Amaral dos - PPGEDU/UFRGS

**GE:** Gênero, Sexualidade e Educação / n.23

**Agência Financiadora:** CAPES

Este trabalho apresenta-se como fruto de uma Dissertação de Mestrado que teve como objeto de análise os discursos que, atualmente, vêm constituindo, desde a mais tenra infância, as identidades de gênero. A escolha do material empírico, definido como revistas nacionais do segmento editorial com a temática infância, baseou-se nos seguintes critérios: regularidade de publicação dos títulos, maior tiragem no segmento e facilidade de acesso em bancas e livrarias. A partir de tais critérios, selecionei três revistas: *Pais & Filhos* (Editora Bloch)<sup>1</sup>, *Crescer em Família* (Editora Globo) e *Meu Nenê e Família* (Editora Símbolo). Como período de abrangência dos textos a serem analisados, foram definidos os anos de 2000, 2001 e 2002, devido à intenção da pesquisa de verificar o que está sendo publicado atualmente sobre essa temática na mídia impressa brasileira. Tendo definido os títulos e o período de análise, foram localizadas e analisadas 53 edições do conjunto das três publicações.

O critério utilizado na seleção dos artigos foi que, de alguma maneira, estes envolvessem as questões de gênero dentro da faixa etária dos 0 a 6 anos – período também conhecido como *primeira infância*. A partir desses artigos, busquei questionar: como meninas e meninos são discursivamente produzidas/produzidos? Como suas diferenças são demarcadas dentro de tal pedagogia cultural? Há rupturas nesses discursos, ou seja, há discursos não hegemônicos<sup>2</sup> que apontam para outras possibilidades de nos constituirmos como mulheres e homens? Ressalto que, nesse estudo, falar de sujeitos constituídos “não é o mesmo que falar de indivíduos determinados. Há uma possibilidade de escolha e recusa nas relações de poder; os indivíduos podem aprender como não ser tão governados” (Dahlberg, Moss, Pence, 2003, p. 50).

Através da leitura das revistas foi possível perceber o quanto essa mídia (assim como as demais) desempenha uma função pedagógica, a partir do momento em que ensina mães e pais como agir com suas/seus filhas/filhos, como as crianças devem vestir-se, quais os brinquedos adequados a cada faixa etária, dentre outros ensinamentos, produzindo, assim, subjetividades, identidades e saberes. Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 57) explicam que a

*pedagogia da mídia* refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na

---

<sup>1</sup> Apesar de a revista *Pais & Filhos* ter tido períodos de não publicação, trago-a para o *corpus* da pesquisa, por ser a mais conhecida e antiga desse segmento editorial, tendo sido relançada no segundo semestre de 2003.

<sup>2</sup> Entendo, nesse trabalho, discursos hegemônicos como aqueles que socialmente são legitimados e que se sobrepõem a outros, tidos como menos “verdadeiros” e “científicos”.

política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras.

Em relação ao estatuto pedagógico da mídia, Fischer (1997, p. 61) afirma que a mídia não pode ser só vista “como veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica”. Foi esse caráter pedagógico da mídia que me fez escolher as revistas acima citadas como material empírico dessa pesquisa.

#### **Delimitando caminhos**

A partir desse ensaio, pretendo apontar como os discursos que circulam na mídia impressa brasileira destinada a mães e pais (e outros atores sociais, especialmente as educadoras, como verificado através da seção *Cartas*) constituem as identidades de gênero na infância. Para a realização de tal propósito, utilizei como referencial teórico os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero, a partir da perspectiva pós-estruturalista e pós-moderna de análise.

Dentro desse enfoque, a cultura pode ser tomada como o conjunto de significados partilhados entre os sujeitos de determinado grupo localizado num tempo e espaço específicos, daí decorrendo o seu caráter contingente. O partilhamento de tais significados se dá através da linguagem, que é o meio no qual o significado é produzido e disseminado (Hall, 1997b). Além disso, a cultura organiza e regula as práticas sociais através da luta entre os diferentes grupos sociais pela legitimação de certos significados em detrimento de outros, de forma que poderíamos dizer que a luta pela significação em uma dada cultura está relacionada com a luta pela legitimação dos significados nela implicados.

Com relação a esse campo de estudos, utilizo-me da vertente das análises textuais<sup>3</sup>, embora não utilize nenhum campo específico da Análise do Discurso. As análises de como determinados grupos são representados, seja na mídia, seja em outros espaços sociais tornam-se relevantes, pois “o modo como as pessoas ou os eventos são representados nas instituições molda e modela as formas como os sujeitos envolvidos concebem a si, aos outros e ao mundo em que estão inseridos” (Bujes, 2000, p. 18). Justamente por acreditar que as revistas aqui analisadas tenham efeitos concretos nas vidas das/dos suas/seus leitoras/leitores e pelos “efeitos de poder, aí implicados,[é] que tais representações podem (e devem) ser problematizadas” (Meyer, 2000, p. 121).

A análise da mídia impressa revista possibilita-nos examinar a constituição das identidades infantis sob vários prismas e, entre eles, priorizei as relações de gênero, pelo reduzido número de pesquisas que interrelacionam infância e gênero.

Conforme o referencial teórico utilizado, as identidades estão constantemente sendo produzidas pela linguagem, assumindo um caráter instável e contingente. Assim, da mesma forma que o conceito de identidade amplia sua concepção para fora do psicológico, enfatizado seu caráter cultural, o conceito de pedagogia cultural também procura ampliar a noção de educação para além da escola; nesse sentido, a educação é entendida como um processo mais amplo que está envolvido na produção de sujeitos, ou seja, como uma prática social constituidora das identidades dos mesmos. O termo *pedagogia cultural* supõe que a educação ocorra

---

<sup>3</sup> Compreendo “análises textuais” como a leitura feita a partir de textos escritos e imagens.

numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc (Steinberg, 2001, p.14).

Referindo-se ao conceito de gênero, este é entendido como uma construção social determinada pela sua contingência, ou seja, as representações possíveis do que é feminino e masculino dependem das condições históricas e culturais de determinado momento. Além disso, Meyer (2001, p. 32) relembra que:

Nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc (...) Gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos ou segmentos sociais.

### **Inventando gênero na infância**

Inicialmente, gostaria de lembrar a importância do meio revista dentro do contexto mais amplo da mídia, pela enorme quantidade e variedade de títulos e públicos a que atualmente se dirigem, sendo, além disso, amplamente disseminada na contemporaneidade.

Começo essa análise procurando formular uma hipótese de leitura sobre as formas como as revistas *Crescer*, *Pais & Filhos* e *Meu Nenê* produzem masculinidades e feminilidades nos sujeitos infantis. Para tanto, procuro olhar para os textos escritos e as imagens de forma a estranhar questões que a maioria das pessoas considera normais e naturais de cada gênero, objetivando desconstruir “os lugares comuns inquestionados, sobre os quais se edificam os discursos”<sup>4</sup> (Maite Larrauri, 2000, p. 14).

Para realizar a análise, dividi o material empírico em três temáticas: 1) artigos sobre decoração de quartos de bebê e de crianças; 2) matérias sobre brinquedos e 3) matérias sobre moda.

### **Quartos de bebê e de crianças**

O primeiro bloco de artigos refere-se ao tema da decoração de quartos de bebê, sendo em tais matérias descritos quartos com decoração especialmente projetada para bebês ou crianças pequenas, em sua maioria. As matérias identificadas e analisadas foram: “Espaço para dois”<sup>5</sup>, “Quartos e cia”<sup>6</sup>, “Arte nas paredes”<sup>7</sup>, “Dose dupla”<sup>8</sup>, “A vez dos lambris”<sup>9</sup>, “Dormindo nas nuvens”<sup>10</sup>, “Um lugar lindo e especial”<sup>11</sup>, “Quartos personalizados”<sup>12</sup>, “Tom sobre tom”<sup>13</sup>, “Dormindo com os anjinhos”<sup>14</sup>, “Texturas

<sup>4</sup> Todas as traduções aqui realizadas são de responsabilidade da autora.

<sup>5</sup> *Meu Nenê*, v. 5, n. 50, jun. de 2002, p. 62-66.

<sup>6</sup> *Id.*, v. 5, n. 46, fev. de 2002, p. 68-69.

<sup>7</sup> *Id.*, v. 5, n. 47, mar. de 2002, p. 56-61.

<sup>8</sup> *Id.*, v. 4, n. 35, mar. de 2001, p. 72-77.

<sup>9</sup> *Id.*, v. 3, n. 29, set. de 2000, p. 80-83.

<sup>10</sup> *Id.*, v. 3, n. 32, dez. de 2000, p. 75-76.

<sup>11</sup> *Id.*, v. 5, n. 46, fev. de 2002, p. 60-65.

<sup>12</sup> *Id.*, v. 5, n. 55, nov. de 2002, p. 70-72.

<sup>13</sup> *Id.*, v. 5, n. 54, out. de 2002, p. 70-72.

encantadoras”<sup>15</sup>, “Com jeitinho carioca”<sup>16</sup>, “Mostra de quartos de bebê, criança e jovem”<sup>17</sup>, “Tudo em madeira”<sup>18</sup> e “Cores por todos os lados”<sup>19</sup>.

A partir das imagens e dos textos escritos observa-se que, em sua maioria, os quartos designados pelas revistas para **meninos** são decorados em tons pastéis e nas cores branca e azul, como na matéria “Tom sobre tom”, na qual o quarto do menino é descrito como tendo “azul por todos os lados” (p. 70). Os personagens desenhados nas paredes estão dirigindo carros, saltando de pára-quedas, remando em barcos, brincando, subindo em árvores, soltando pipa, jogando bola, andando de *skate* e surfando. Foram encontrados também diferentes animais, além de barcos, aviões, helicópteros e bolas, além dos bordados nas roupas de cama e banho terem como tema carrinhos. Em “Texturas encantadoras” o tema escolhido pelos pais para o quarto do filho “foram os meios de transporte, principalmente, o aéreo, paixão de todo menino” (p. 82).

Em “Dose dupla”, o quarto projetado para o casal de gêmeos, Ana e Marcelo, traz animais soltando pipa, caminhando com pranchas sob o braço e andando de *skate*. Nesse caso, temos animais representando ações que não serão encontradas nos quartos projetados exclusivamente para meninas, o que denota uma certa possibilidade das meninas terem experiências ou conviverem num espaço “mais masculino”, ao contrário dos meninos que dificilmente seriam “educados” num quarto rosa, repleto de desenhos de bonecas, flores e regadores, como veremos a seguir.

Já nos quartos decorados para **meninas** as cores utilizadas são as mais diversas, destacando-se os tons pastéis e o rosa. Os desenhos nas paredes representam: paisagens, bonecas, flores, borboletas, bonecas regando flores e varais com roupas penduradas. Nesses quartos as bonecas, as flores e os regadores estão presentes de forma marcante, através de casas de bonecas que permitem à menina entrar dentro para brincar; mesas e luminária em forma de flor, puxadores de móveis em forma de regadores e cabideiro em forma de boneca. Relembro que, na pesquisa de Sampaio (2000), em que a autora analisou as relações entre televisão, publicidade e infância na contemporaneidade, essa também constatou que o quarto de menina tem “cores suaves, é decorado com motivos bastante infantis, está repleto de bonecas e encontra-se ordenado” (p. 263).

Parte do processo de generificação dos corpos infantis torna-se visível nos quartos projetados para bebês que, em alguns casos, ainda não nasceram. Nesse sentido, a afirmação de Meyer (2003, p. 22) corrobora tal projeção de gênero ao observar que

os indivíduos aprendem desde muito cedo – eu diria que hoje desde o útero – a ocupar e/ou a reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, por vezes, muito difíceis de reconhecer.

---

<sup>14</sup> Id., v. 4, n. 44, dez. de 2001, p. 54-57.

<sup>15</sup> *Meu Nenê*, v. 3, n. 27, jul. de 2000, p. 80-83.

<sup>16</sup> Id., v. 3, n. 28, ago. de 2000, p. 82-85.

<sup>17</sup> Id., v. 4, n. 43, nov. de 2001, p. 64-70.

<sup>18</sup> Id., v. 5, n. 48, abr. de 2002, p. 67-71.

<sup>19</sup> Id., v. 5, n. 56, dez. de 2002, p. 60-62.

Além das imagens, os textos escritos também apontam o conceito implicado de menina, afirmando: “Camila tem um cantinho todo meigo, igualzinho a ela” (p. 72). Em outra matéria, “Dormindo com os anjinhos”, o quarto da menina intitula-se “menina-flor” e o texto escrito inicia: “o quarto da princesa Fernanda” (p. 56). Outra matéria que recorre a essa expressão é “Mostra de quartos de bebê, criança e jovem”, na qual o quarto da menina recebe o título de “reino encantado da princesa” e o texto inicia da seguinte forma: “rosa e branco. Uma combinação perfeita para decorar o canto da menina-moça” (p. 69). Nesse último, o destaque do quarto é o quadro que ilustra uma menina deitada num jardim com flores e, acima dela, se encontra um varal com roupas penduradas. Interessante ressaltar o desenho do varal de roupas, citado acima, pois, para a leitora alvo dessas publicações, o varal provavelmente não seja um artigo presente em seu ambiente, já que, ao meu ver, tal representação está ligada muito mais ao trabalho doméstico realizado atualmente apenas por mulheres de classe popular. Por fim, o quarto mais ousado intitula-se “Espaço Teen”<sup>20</sup>, e nele os ursinhos de pelúcia convivem com um quadro que ilustra duas bocas pintadas de batom vermelho que se tocam, sendo um dos rostos branco, e o outro, azul.

Portanto, na maioria dos quartos descritos predominam referenciais infantis, como ursinhos e bonecas, embora o último quarto aponte para uma certa erotização (até porque tal quarto era projetado para uma adolescente) que chama a atenção por utilizar um signo tido como feminino adulto, o batom, em ilustração que poderia ser lida como duas mulheres se beijando.

Além dos quartos para meninas e para meninos, há quartos que não são designados por gênero. Nesses são utilizados ou referenciais “neutros”, ou que apresentem “elementos” dos dois gêneros, como, por exemplo, os desenhos nas paredes que representam um menino e uma menina brincando na areia da praia, ovelhas, girafas, elefantes, dentre outros. Nesses quartos, além dos tons pastéis, estão presentes as cores verde, laranja e amarela, cores essas tidas como não generificadas.

## **Brinquedos**

Os artigos referentes ao tema brinquedo aqui analisados são os seguintes: “Brinquedos de sucesso”<sup>21</sup>, “Presentes especiais”<sup>22</sup>, “É dia de presente”<sup>23</sup>, “Brincando e aprendendo”<sup>24</sup>, “18 presentes *show* de bola”<sup>25</sup>, “Vai, vai, vai começar a brincadeira”<sup>26</sup> e “Para se divertir e aprender”<sup>27</sup>. Em muitas passagens as revistas enfatizam o papel pedagógico dos brinquedos (como também verificado no título da matéria “Brincando e aprendendo” e “Para se divertir e aprender”), sendo esta uma idéia muito difundida e generalizada, principalmente nos campos da educação e da psicologia.

Para retratar os “melhores” brinquedos para infância, as revistas utilizam-se de um recurso muito comum – a divisão por faixas etárias. Nesse sentido, a faixa etária dos 0 a 6 anos é dividida em estágios, de acordo com supostas características cognitivas, afetivas e psicomotoras universais. Sobre essa divisão e seus possíveis efeitos de sentido, Goulart (2000, p. 38) afirma:

---

<sup>20</sup> “Mostra de quartos de bebê, criança e jovem”.

<sup>21</sup> *Crescer*, v. 7, n. 83, out. de 2000, p. 62-65.

<sup>22</sup> *Meu Nenê*, v. 3, n. 32, dez. de 2000, p. 50-55.

<sup>23</sup> *Crescer*, v. 9, n. 107, out. de 2002, p. 60-67.

<sup>24</sup> *Meu Nenê*, v. 5, n. 51, jul. de 2002, p. 62-65.

<sup>25</sup> *Id.*, v. 5, n. 56, dez. de 2002, p. 52-55.

<sup>26</sup> *Crescer*, v. 9, n. 104, jul. de 2002, p. 40-43.

<sup>27</sup> *Meu Nenê*, v. 3, n. 27, jul. de 2000, p. 92.

A existência humana assim colocada em etapas parciais leva a uma representação de nós próprios feita à base de saltos e fronteiras explícitas e em função de alguns parâmetros socialmente estabelecidos e aceitos. Indica-nos, de forma categórica, quem e como podemos ser, o que podemos fazer e o que não nos é permitido nesta ou naquela idade (...) Nessa linearidade em que é colocado o desenvolvimento da criança, a trajetória é de mão única. Nela não é possível o retorno a uma etapa anterior nem a intersecção entre características e etapas próximas ou distantes. A criança é concebida como um bloco monolítico e avançar em linha reta é a única possibilidade do desenvolvimento ‘saudável’, ‘normal’.

A partir de pressupostos dos especialistas citados nas revistas, os brinquedos indicados para a faixa etária entre 0 e 1 ano são: mordedores de borracha, móveis, bonecas/bonecos de pano, jogos de encaixe, objetos de rolar e quadros de atividades. Esses brinquedos, segundo os mesmos, são destinados a essa faixa etária por estimularem os sentidos (visão, olfato, audição, tato, gustação) e por auxiliarem na construção de relações de causa e efeito. Nessas explicações, torna-se visível a filiação a teorias da psicologia evolutiva e do desenvolvimento em suas várias vertentes. Nessa faixa etária as crianças não são distinguidas pelo gênero/sexo são, apenas, “bebês”. É interessante ressaltar ainda que, em algumas reportagens, cada brinquedo é acompanhado de indicações sobre suas “funções” (pedagógicas), assim como de dicas de como os pais podem contribuir nas brincadeiras das/dos filhas/filhos, sempre tendo no horizonte o “favorecimento” do desenvolvimento infantil.

Os brinquedos indicados para a faixa etária entre 1 e 3 anos são: bonecas, jogos de encaixe, construção e empilhamento, triciclos, carrinhos, bolas, objetos para casinha, garagens, fantoches, boneco contador de histórias, dentre outros. Muitos deles foram selecionados pelas revistas *Crescer* (2000) e *Meu Nenê* (2000), pois nesta faixa as crianças começariam a representar o mundo adulto em suas brincadeiras, o que lhes permitiria vivenciar os “papéis” de mãe ou pai, pois “ao mesmo tempo em que finge que é a ‘mulher de casa’, faz comidinha e cuida da boneca, a garota expressa suas emoções”<sup>28</sup>. Da mesma forma, os apetrechos da casinha são indicados pela revista para “ampliar” as possibilidades da representação dos papéis femininos e masculinos através de brinquedos como cozinhas, panelinhas, berços, carrinhos de bebê e tábuas de passar. Distinguem-se nesses brinquedos indicados os seguintes papéis femininos e masculinos: mulheres donas-de-casa e mães (ambiente privado) e homens motoristas, esportistas e guerreiros (ambiente público), marcando-se já, de certa forma, a partir da idade de um ano, as divisões de gênero nas crianças.

Acredito ser importante problematizar a questão dos papéis atribuídos pelas revistas a mulheres e homens. Segundo Louro (1997, p. 24) “papéis seriam, basicamente, padrões de regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar”. Nesse sentido, o termo “papéis” encerra uma concepção redutora e simplista das relações entre mulheres e homens, relações essas permeadas por complexas redes de poder e desigualdades.

---

<sup>28</sup> *Meu Nenê*, 2000, p. 92.

Já os brinquedos indicados para a faixa etária entre 3 e 7 anos são tanto generificados quanto direcionados para ambos os gêneros. Assim, foram encontradas: bonecas como a *Barbie Maquiagem Surpresa*, *Susi Babá por um dia* e *Gym* (com equipamentos de ginástica), bolas, jogos em geral, diferentes aparatos para casinha e bonecas, carros por controle remoto, bonecos com armas, pistas de corrida, etc. Para a *Crescer* (2000), essa é a fase da “brincadeira de faz-de-conta”. Assim, com as bonecas “a menina ensaia situações do cotidiano das mulheres, como passar maquiagem para ir à festa, conversar com o namorado, trabalhar como professora ou aeromoça” (p. 65). Novamente as questões de gênero – e uma dada leitura de gênero – são fortemente demarcadas/inscritas. Quem brinca com as bonecas sugeridas são apenas as meninas, para fantasiarem sobre o “cotidiano das mulheres” (definido, de forma restrita, em torno da estética, do namoro – com homens, é claro – e de profissões tipicamente femininas – como professora e aeromoça).

Na matéria “Na brincadeira de casinha”<sup>29</sup> esta relata os cuidados de uma menina com seu bebê de brinquedo. Segundo essa matéria, através da brincadeira de casinha a menina “coloca em prática as regras e os afetos que recebe em casa” (p. 76). Como já citado anteriormente, nessa faixa etária (3 aos 7 anos), os meninos já não brincam mais de boneca. Nesse sentido, cabe destacar o box ao final da matéria citada, intitulado “Os meninos”, que enfatiza a importância da cultura na proibição/permissão dada aos meninos na brincadeira de casinha. Nesse quadro a revista faz o seguinte esclarecimento sobre por que os meninos não se sentem atraídos pelas bonecas: “os pais, com raras exceções, não deixam os filhos homens brincar com ‘coisas de meninas’, [pois] tal comportamento [é] imposto pela cultura e que acaba reforçado, mesmo inconscientemente, por inúmeras atitudes com a criança, no dia-a-dia” (p. 76). Assim, quando meninos brincam com bonecas não costumam representar o papel de mãe e sim do pai que trabalha fora, sustenta a casa e não cuida das crianças.

Ao contrário do questionamento feito pela matéria citada acima às representações dos gêneros nas brincadeiras de faz-de-conta, em algumas matérias<sup>30</sup> até mesmo as bicicletas são diferenciadas conforme o gênero. Assim, as bicicletas indicadas para as meninas são as das *Meninas Superpoderosas* e a da *Emília* (que vem até mesmo com uma cadeirinha para levar a boneca junto nos passeios), enquanto que “a *Caloi* tem uma novidade para os garotos de 4 a 7 anos que gostam de aventuras: a bicicleta *Zig Cross*”.

A partir dos brinquedos sugeridos pelas matérias das revistas, as meninas de hoje ainda têm como brinquedos mais comuns as bonecas, que apresentam todo um aparato para a brincadeira de casinha. Tais objetos exaltam a vida doméstica e privada como espaço reservado à mulher, o mesmo ocorrendo com a maternidade, vista como algo inerente à condição feminina. Na pesquisa empreendida por Luke (1999, p.167), sobre revistas de cuidado infantil em língua inglesa esta afirma que:

As revistas destinadas a mães e pais e as de cuidados infantis reforçam os valores e experiências tradicionais de gênero que a maioria das mulheres aprenderam quando meninas e, ao mesmo tempo, preparam as novas mães para que reproduzam estas experiências com suas próprias filhas e filhos.

<sup>29</sup> *Crescer*, v. 8, n. 90, m.º de 2001, p. 76-77.

<sup>30</sup> *Meu Nenê*, v. 5, n. 50, jun. de 2002, p. 50.

A maternidade é naturalizada, nessas matérias, a partir da indicação de bonecas como *Susi Babá por um dia*, por exemplo, e sugerida através das imagens que ilustram os diversos artigos das revistas, com destaque à matéria “Presentes especiais”, em que meninas são, na maioria das vezes, representadas abraçadas às suas bonecas, demonstrando o quanto essa é uma questão a ser ensinada às meninas desde cedo. Observa-se neste caso o que Felipe (1999, p. 170) explica sobre a relação entre brinquedo e a maternidade:

Tais brinquedos oferecidos às meninas ensinam e reforçam a idéia de que os cuidados com a prole cabem sempre às mulheres ou, ainda, que o destino ‘natural’ delas seria a maternidade. Mesmo que seja visível a atração que as bonecas e casinhas causam também aos bebês masculinos, há uma rápida interdição da cultura, para que estes não façam uso de tais brinquedos.

Já para os meninos, há uma diversidade de brinquedos que exigem características ativas, guerreiras e racionais. Um outro exemplo da relação entre masculinidade e as características citadas anteriormente são as imagens dos meninos no artigo já citado “Presentes especiais”, em que estes aparecem brincando com números ou, então, realizando “curvas e manobras radicais com carrinho de rolimã de madeira” (idem, p. 55).

## Moda

Este bloco de artigos analisados visa apontar como, através das matérias de moda, as identidades de meninas e meninos estão sendo constituídas, a partir das roupas com que figuram nessas páginas e das posturas que as crianças assumem nestas imagens. Nessa temática foram analisadas as matérias: “Zôo divertido”<sup>31</sup>, “Estação das flores”<sup>32</sup>, “Pé de molequinho”<sup>33</sup>, “Friozinho gostoso”<sup>34</sup>, “Chega de bagunça!”<sup>35</sup>, “... A feirinha da semana!”<sup>36</sup>, “Tempo de flores”<sup>37</sup>, “Dupla dinâmica”<sup>38</sup>, “Para ver o Papai Noel!”<sup>39</sup>, “Algodão doce”<sup>40</sup>, “Na moda dos *body's*”<sup>41</sup>, “Casacos: lindos e quentinhos”<sup>42</sup>, “Alegre & colorido”<sup>43</sup>, “Brincando com listras”<sup>44</sup>, “Na escola com muito estilo”<sup>45</sup>, “A moda é brincar”<sup>46</sup>, “Garotada *fashion*”<sup>47</sup>, “Ai, que fofos!”<sup>48</sup>, “Respeitável público, com vocês jeans”<sup>49</sup>, “É de branco que eu vou”<sup>50</sup>, “A flor na

<sup>31</sup> Id., v. 3, n. 28, ago. de 2000, p. 54-61.

<sup>32</sup> *Meu Nenê*, v. 3, n. 29, set. de 2000, p. 52-59.

<sup>33</sup> Id., v. 3, n. 27, jul. de 2000, p. 84-85.

<sup>34</sup> Id., v. 3, n. 27, jul. de 2000, p. 52-59.

<sup>35</sup> *Crescer*, v. 8, n. 89, abr. de 2001, p. 52-55.

<sup>36</sup> *Meu Nenê*, v. 3, n. 30, out. de 2000, p. 52-57.

<sup>37</sup> *Crescer*, v. 7, n. 83, out. de 2000, p. 56-61.

<sup>38</sup> *Meu Nenê*, v. 5, n. 46, fev. de 2002, p. 46-51.

<sup>39</sup> Id., v. 3, n. 32, dez. de 2000, p. 58-63.

<sup>40</sup> Id., v. 4, n. 35, mar. de 2001, p. 46-51.

<sup>41</sup> Id., v. 5, n. 47, mar. de 2002, p. 64-69.

<sup>42</sup> Id., v. 5, n. 50, jun. de 2002, p. 46-50.

<sup>43</sup> *Crescer*, v. 8, n. 87, fev. de 2001, p. 52-55.

<sup>44</sup> *Meu Nenê*, v. 5, n. 54, out. de 2002, p. 58-62.

<sup>45</sup> *Pais & Filhos*, v. 33, n. 395, mar. de 2002, p.66-72

<sup>46</sup> *Crescer*, v. 8, n. 93, ago. de 2001, p. 88-91.

<sup>47</sup> Id., v. 8, n. 95, out. de 2001, p. 82-84.

<sup>48</sup> Id., v. 9, n. 105, ago. de 2002, p. 64-69.

festa”<sup>51</sup>, “Jeans o imbatível”<sup>52</sup>, “Vamos pra caminha”<sup>53</sup>, “Vermelho para esquentar o frio” (...) Amarelo para iluminar o inverno (...) Azul para criar um clima”<sup>54</sup>, “Caia na água, tchibum!!!”<sup>55</sup>, “Farra na água”<sup>56</sup>, “Folia e fantasia”<sup>57</sup>, “Com gosto de férias”<sup>58</sup>, “Sen-sa-cio-nal”<sup>59</sup>, “Família moleton”<sup>60</sup>, “Boas festas”<sup>61</sup> e “Noite feliz!”<sup>62</sup>. É interessante ressaltar, inicialmente, que a moda infantil é um dos temas mais frequentes das revistas, sendo que, praticamente, todas as edições possuem um artigo sobre a temática.

Outro elemento que merece uma análise mais detida das páginas de moda infantil são suas/seus modelos. Apesar de haver um certo equilíbrio entre o número de meninas e o de meninos que figuram nas páginas de moda, ainda há um predomínio daquelas, que representam mais da metade. No entanto, há uma grande disparidade entre o número de crianças de aparência negra, branca e asiática (ou seja, descendentes de japoneses, chineses, tailandeses, etc) nas revistas. As crianças brancas representam mais de três quartos do total das/dos modelos que “posam” para essas páginas, sendo que tal questão não deve ser considerada apenas na seção Moda, mas também para o conjunto da revista. A maioria de crianças negras e asiáticas encontradas nas revistas localiza-se, justamente, na seção de Moda, sendo que raramente são vistas em outras matérias ou seções das revistas. Nesse sentido, a moda, atualmente, tem se constituído como um dos espaços culturais em que mais a diferença aparece, seja de gênero, raça/etnia. Essa questão provavelmente também está relacionada à afirmação de Hall (1997a, p. 19) de que “a cultura global necessita da ‘diferença’ para prosperar – mesmo que apenas para convertê-la em outro produto cultural para o mercado mundial”.

A respeito da expansão do mercado mundial, concordo com Steinberg (1997), quando esta constata que as crianças têm sido alvo, a partir da década de 50 do século XX, de uma indústria que passou também a vê-las como objeto desse mercado. Neste universo, brinquedos, roupas e calçados apresentam-se como importante filão para o consumo.

Nas revistas analisadas, meninas e meninos, através das imagens, apresentam-se fazendo poses e, na maioria das vezes, seu olhar encontra-se com o da câmera, embora os meninos “pareçam” mais descontraídos, desligados e até despreocupados com esse olhar. Tais imagens representam um misto de inocência e sedução, principalmente com relação às meninas, embora prevaleça o modelo de infância inocente e feliz nas revistas analisadas, pois, afinal, essas possuem um público específico – mães e pais.

Além disso, as revistas expõem a heterossexualidade como o caminho natural e biológico do ser humano, através de legendas como, por exemplo, “O pequeno casal não resistiu e fez pose”<sup>63</sup> e “pintou

<sup>49</sup> Id., v. 9, n. 102, m.º de 2002, p. 58-63.

<sup>50</sup> Id., v. 9, n. 97, dez. de 2001, p. 68-72.

<sup>51</sup> Id., v. 9, n. 106, set. de 2002, p. 62-67.

<sup>52</sup> Id., v. 7, n. 81, ago. de 2000, p. 54-59.

<sup>53</sup> *Meu Nenê*, v. 5, n. 48, abr. de 2002, p. 60-65.

<sup>54</sup> *Crescer*, v. 8, n. 91, jun. de 2001, p. 86-91.

<sup>55</sup> *Meu Nenê*, v. 4, n. 43, nov. de 2001, p. 58-62.

<sup>56</sup> Id., v. 5, n. 55, nov. de 2002, p. 56-60.

<sup>57</sup> *Crescer*, v. 9, n. 99, fev. de 2002, p. 64-69.

<sup>58</sup> Id., v. 9, n. 104, jul. de 2002, p. 60-65.

<sup>59</sup> Id., v. 9, n. 98, jan. de 2002, p. 60-65.

<sup>60</sup> Id., v. 8, n. 83, jul. de 2001, p. 86-89.

<sup>61</sup> *Meu Nenê*, v. 5, n. 56, dez. de 2002, p. 44-52.

<sup>62</sup> *Crescer*, v. 9, n. 109, dez. de 2002, p. 60-67.

<sup>63</sup> *Meu Nenê*, ago. de 2000, p. 56.

romantismo ... namoro ou amizade<sup>64</sup> ao apresentarem uma menina e um menino nas imagens. A pretensa naturalidade com que nos é colocada a questão da heterossexualidade nos levaria à seguinte afirmação de Deborah Britzman (1996, p. 74):

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada.

Nesse sentido, a partir dos modelos de roupa pode-se verificar que há um maior investimento sobre as meninas como aquelas que devem ser apresentadas como mais arrumadas, enfeitadas, coloridas e cheias de adornos. Como afirmado por Lipovetsky (1989), a moda continua, em grande parte, predominantemente feminina, fato que é confirmado pelas matérias de modas das revistas em que o repertório feminino de roupas, acessórios e sapatos é muito maior do que o masculino. Dutra (2002, p. 362) explica como se constitui a diferenciação de roupas feitas entre meninos e meninas:

Desde a mais tenra infância meninos e meninas vão sendo diferenciados pelo artifício das roupas e sendo ensinados sobre a forma adequada como cada sexo deve se vestir. As meninas são vestidas com roupas em tons rosa ou amarelo, com estampas florais ou de animais domésticos, podendo ter enfeites colocados na cabeça (laços) ou nas orelhas (brincos). Já os meninos são vestidos de azul, com estampas de bolas de futebol ou de animais selvagens, como leões ou tigres. Enfeites são impensáveis. Esse processo se estende por toda infância e adolescência e os desajustes no seu desenvolvimento podem gerar sérios transtornos.

Outra característica percebida nos artigos analisados pode ser relacionada com a afirmação de Postman (1999) de que, assim como a infância, as roupas infantis estariam desaparecendo. Tal tendência é percebida através das imagens, em que o repertório e até mesmo os estilos das roupas são muito semelhantes às dos adultos, excluindo-se, é claro, as roupas de bebê, as roupas para crianças pequenas (até, no máximo, 3 anos) e aquelas para ocasiões especiais.

No entanto, tal processo não se dá de forma homogênea, pois, como aponta Soares (2000) em sua pesquisa de Mestrado, também ocorre na contemporaneidade um

processo de ‘desadultização’ da roupa infantil [que] pode ser observado na ênfase que é dada ao conforto e à liberdade de movimentos, surgindo assim uma roupa mais adequada para as atividades que são próprias da infância, o que se pode observar na maioria dos anúncios. Isso, porém, dá-se de modo diferente para crianças do sexo masculino e feminino. Os anúncios de roupas para meninos enfatizam a necessidade de uma vestimenta mais adequada para a sua intensa movimentação, enquanto que a publicidade de

---

<sup>64</sup> Id., set. de 2000, p. 57.

artigos de vestuário exclusiva para meninas enfoca a sua rápida transformação em uma mulher adulta (p. 117).

Um exemplo desse último movimento, encontra-se na matéria “Sexo frágil? Sexo forte?”<sup>65</sup>, na qual duas mães foram convidadas pela revista para saírem para comprar roupas infantis para um menino e uma menina. O desafio era encontrar “roupa de criança e não de adulto em miniatura. Tem que ser confortável e liberar os movimentos, deixando o menino ou a menina à vontade para brincar, deitar e rolar” (p. 43). Segundo as mães convidadas para o desafio, para o garoto foram encontradas várias opções. Já para menina, a tarefa foi difícil, pois a maioria das roupas seguia o estilo adulto ou adolescente.

Já para os bebês (em torno de 1 ano de idade), muitas roupas e sapatos, assim como os brinquedos, são unissex, como, por exemplo, os modelos de sapatos que são indiferentes ao gênero do bebê, com a exceção do modelo boneca, exclusivo para meninas. Os bebês nas imagens podem ser identificados como meninos e meninas através da ausência/presença de brincos, pelo tipo de desenho presente nas roupas, pelos brinquedos que seguram e pelas cores das roupas que vestem.

Para as festas de Natal e Ano Novo, para as meninas são indicados vestidos rodados, com bordados, brilhos e apliques, acompanhados de sandálias, tamancos e sapato do modelo boneca, além de jóias e laços nos cabelos que remetem para usos de outras épocas, ou então para as princesas de contos de fada; enquanto, para os meninos, são mostradas bermudas ou calças com cinto, camisas, coletes, suspensórios, gravatas de diferentes modelos, paletós e sapatos (assim transformados em mini-homens). Para as festas natalinas, as roupas são mais coloridas, sendo o vermelho e o xadrez as cores mais recorrentes. Já para o Ano Novo se mantém a tradição da roupa branca, ou de cores claras.

### **Apontamentos**

Por que estudar artigos sobre brinquedos, decoração de quartos e moda e apresentá-los como material de pesquisa no campo da educação? Justamente por este ser um tema pouco discutido no espaço acadêmico e por apresentar uma relevância insuspeitada. Assim, parece-me extremamente importante para a educação questionar essas outras instâncias que também constituem e produzem meninas e meninos, regulando e governando suas ações, seus comportamentos, seus desejos e seus corpos.

Dessa forma, o que aqui se pretendeu não foi problematizar os processos de identificação que constituem meninos e meninas com o objetivo de prescrever uma relação igualitária entre os gêneros, mas analisar como os discursos presentes nas publicações para pais, mães e educadoras os/as posicionam e através de que saberes tais posições são legitimadas.

No decorrer da análise do material empírico, percebeu-se que, desde muito cedo, há um investimento da cultura na produção de sujeitos femininos e masculinos, de determinados tipos e de acordo com a materialidade dos seus corpos. Partindo-se disso, as características dos sujeitos femininos encontradas remetiam, em sua maioria, ao espaço doméstico, à maternidade e à sedução, enquanto as características dos sujeitos masculinos remetiam à prática de esportes e às ações ligadas a carros e armas (estes representados através de brinquedos ou desenhos aplicados às roupas ou às paredes dos quartos).

---

<sup>65</sup> Crescer, v. 9, n. 98, jan. de 2002, p. 38-43.

Por fim, destaco que o trabalho aqui empreendido pode ser multiplicado em diversas outras temáticas e olhares, uma vez que as revistas sobre a infância são “poderosas” instituidoras/constituidoras de formas de ser criança, de ser mãe, de ser pai, de ser mulher, de ser homem, pelas formas sedutoras que subjetivam pais, mães e educadoras através de um discurso científico/especialista sobre a temática da infância.

### Referências Bibliográficas

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jul. 1996. p. 71-96.

BUJES, Maria I. E. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa V. (Org.) *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000. p. 205-228.

COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003. p. 36-61.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Allan. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DUTRA, José Luiz. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?”: A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.) *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 359-411.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, Luis Heron (Org.) *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999. p. 167-179.

FISCHER, Rosa M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997. p. 59-80.

GOULART, Maria Alice Hamilton. *O prazer como imperativo, a literatura como meio, os corpos doces como fim* : o micropoder dos catálogos de livros infantis. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2000. Dissertação de Mestrado.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997a. p. 15-46.

\_\_\_\_\_. The work of representation. In: \_\_\_\_ (Org.) *Representation: cultural representations and signifying practices*. London/Thourand/Orts/New Delhi: Sage/Open University, 1997b.

LARRAURI, Maite. *La sexualidad según Michel Foucault*. Valencia: Tandem, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUKE, Carmem. La infancia y la maternidad y paternidad en la cultura popular infantil y em las revistas de cuidados infantiles. In: \_\_\_\_ (Comps). *Feminismos y pedagogías en la vida cotidiana*. Madrid: Ed. Morata, 1999. p. 160-176.

MEYER, Dagmar E. E. As mamãs como constituintes da maternidade: uma história do passado? *Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000. p. 117-133.

\_\_\_\_\_. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In: SCHOLZE, Lia (Org.) *Gênero, memória e docência*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2001. p. 29-34.

\_\_\_\_\_. Educação e gênero: teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SAMPAIO, Inês Sílvia V. *Televisão, publicidade e infância*. São Paulo: Annablume, 2000.

SOARES, Lúcia F. Misse. *Imagens da criança na propaganda de vestuário infantil*: fatores que interferem na constituição da identidade da criança. São Paulo: Universidade de São Marcos, 2000. Dissertação de Mestrado.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luis Heron (Org.) *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997. p. 98-145.

\_\_\_\_\_; KINCHELOE, Joe (Orgs.) *Cultura infantil*: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.